

## Para ver e ler: a Jornada de Passo Fundo e a cultura contemporânea Watching and reading: Jornada de Passo Fundo and contemporary culture

Miguel Rettenmaier\*

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing\*\*

---

**RESUMO:** Em mais de trinta anos de existência, o projeto da Jornada Literárias de Passo Fundo, uma das maiores movimentações culturais do Brasil na formação de leitores, tem buscado, nas dinâmicas de promoção do livro e da literatura, dialogar com as inovações tecnológicas e com a pluralidade de mídias das quais foi e é contemporânea. De forma semelhante, no diálogo com a contemporaneidade, a Jornada tem aberto espaço aos novos escritores, convidando-os a participar das várias atividades que permitem o encontro entre esses autores e o público leitor. Este artigo pretende apresentar o percurso da Jornada em diálogo com as múltiplas mídias através dos cartazes que integraram a divulgação do evento, refletindo, também, sobre a estética de alguns jovens escritores convidados ao projeto, os quais também, em sua obra, permitem refletir sobre as relações entre a literatura e as demais manifestações artísticas da contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. literatura contemporânea.

---

**ABSTRACT:** Along more than thirty years of existence, the project of Jornada de Literatura de Passo Fundo, a large cultural movement in Brazil intended for the formation of readers, has sought to interact with technological innovations and the plurality of media that was and still is contemporary, in order to elevate literature and books. Similarly, in consonance with contemporaneity, the Journey has opened a space for new writers, inviting them to participate in several activities that allow the encounter between such authors and their readership. This paper aims to present the Jornadas' course in interface with multiple media, through the analysis of promotional posters of the literary event. By doing so, we are also reflecting on the aesthetics of some young writers invited to the project, whose work allow us to think about the relationship between literature and other artistic expressions.

**KEYWORDS:** Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Contemporary literature.

---

Quain costumava argumentar que os leitores eram um espécie já extinta. *Não há europeu (suscitava) que não seja um escritor, em potência ou em ato.*  
Jorge Luis Borges, "Exame da obra de Herbert Quain".

---

\* Doutor em Teoria da Literatura (PUC/RS); professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (RS), Linha de Pesquisa "Leitura e formação do leitor".

\*\* Doutor em Teoria da Literatura (PUC/RS); professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (RS), Linha de Pesquisa "Leitura e formação do leitor"; Coordenadora Geral das Jornadas de Literatura de Passo Fundo.

As Jornadas de Literatura de Passo Fundo têm mais de 30 anos de história. Acontecem a cada dois anos em uma cidade de interior do Rio Grande do Sul, reconhecida em 2006, por lei federal, como Capital Nacional da Literatura. Estima-se que, desde o seu início, tenham diretamente envolvido em sua programação um número em torno de 200.000 pessoas de todas as idades. Na última edição, o projeto mobilizou aproximadamente 48 mil pessoas em suas atividades, constituídas por conferências, painéis, debates, shows, exposições, apresentações teatrais e musicais, além de outras atrações oferecidas à comunidade que está ou não inscrita nos encontros. A Jornada incorpora crianças às suas ações, com a *Jornadinha*, que recebe escolas de Ensino Fundamental e Médio, os estudantes de ensino noturno, de cursos técnicos, de Eja e técnico na *JorNight*, os acadêmicos na UPF na Jornada UPF. Todo o projeto implica a leitura antecipada das obras, nas chamadas Pré-Jornada e a Pré-Jornadinha. Diferentemente de outros eventos e de outras festas literárias, muito associadas às demandas editoriais e à venda de livros, a Jornada de Literatura de Passo Fundo é uma movimentação cultural permanente, voltada à formação de leitores.

A dimensão desse esforço pode ser visualizada nos números que resultam, por exemplo, da última edição da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, ocorrida em agosto de 2013. O público adulto chegou a 6.219 participantes, entre professores, estudantes do ensino médio e público em geral; estiveram, na *Jornadinha*, 18.000 estudantes de ensino fundamental e, na *Jornight*, 2.000 jovens adultos. A Jornada UPF, para acadêmicos da instituição, recebeu 3.600 universitários. Além desses inscritos, um público de 7.130 pessoas da comunidade, nos espaços públicos da cidade, participou do Festerê Literário.

Essa movimentação cultural possivelmente seja a razão pela qual, em 2006, conforme pesquisa nacional realizada pelo Ibope, Passo Fundo tenha sido apontada como a cidade que mais lê no Brasil, com uma média de 6,5 livros por habitante ao ano. A Jornada não se limita à periodicidade de um evento bienal, ampliando-se, assim, à sistematização de outras iniciativas como, por exemplo, o Projeto Livro do mês, que traz mensalmente autores à Universidade de Passo Fundo, promovendo, também, encontros entre esses autores e alunos de ensino fundamental e médio de escolas públicas municipais e estaduais.

Em Passo Fundo, falar sobre leitura e, por consequência, sobre literatura, é tratar de um direito universal em um país muito desigual, que equaliza diretamente pobreza e ausência de leitura, em uma relação que possivelmente apenas possa ser enfrentada pela educação. É necessário fazer da leitura e da literatura algo que mobilize círculos sociais amplos e

diversificados, incorporando ao ato de ler um profundo sentido de transformação, seja individual, seja coletiva. Esse foi o fundamento das origens da Jornada Literária de Passo Fundo, quando enfrentava uma demanda específica no início da década de 1980: em discussão estava a necessidade de uma verdadeira abertura política no Brasil, quando lentamente se encerrava o ciclo da ditadura cívico-militar. No Brasil, justamente nesse período, ocorria uma efervescência em torno da questão da leitura. Em 1980, Ezequiel Theodoro da Silva publicou *O ato de ler* e, em 1981, fundou Associação de Leitura do Brasil – ALB, criando o COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Na mesma ordem, em 1982 foi organizado por Regina Zilberman o clássico livro *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. A inteligência brasileira, amordaçada por anos, reagia em livros como *Problemas inculturais brasileiros*, de Osman Lins, de 1977. Tratava-se de derrubar o arbítrio pela palavra e pelo pensamento.

Interessante e não casual é que o autor que respaldou o projeto da professora Tania Rösing, idealizadora da Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura (primeiro nome da Jornada, ainda em caráter regional), foi justamente um dos gaúchos mais perseguidos durante a repressão brasileira. Josué Guimarães, jornalista e integrante do governo deposto de João Goulart, então já assegurado como um dos mais importantes escritores da literatura sul-rio-grandense, com familiares em Passo Fundo, em 1981, assumiu a ideia proposta por Rösing e trouxe ao interior do Rio Grande do Sul, inicialmente, os mais importantes escritores do Estado, como Mario Quintana, Carlos Nejar, Cyro Martins, Armindo Trevisan, Antônio Carlos Rezende, Sérgio Capparelli, Deonísio da Silva e Moacyr Scliar. Posteriormente, ao tornar-se a Jornada um encontro nacional, integraram as discussões nomes da envergadura de Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Antonio Callado, Millôr Fernandes e Luis Fernando Verissimo. A partir desse momento, nas origens, criava-se um dos princípios da Jornada de Literatura de Passo Fundo, em sua missão de promover a leitura e a literatura, com o compromisso de se realizar a leitura prévia das obras dos autores convidados. Estava em jogo a necessidade de dialogar com a cultura, e isso queria dizer dialogar tanto com a mais importante produção literária contemporânea, quanto com as mais diversas formas de expressão artística, com os mais diversos gêneros, com as mais diversas mídias. A leitura, assim, ampliava-se a uma concepção plural, e isso implicava, no conceito, romper com qualquer totalitarismo e com qualquer delimitação imposta. Tal encaminhamento levou, no projeto das Jornadas Literárias, à evolução de todo um sentido e de toda uma semântica vinculados à ideia de diversidade, ligada à

multiplicidade de mídias, de meios e de suportes. Se a literatura era o centro, ela se compunha e recompunha pelo contato com as outras artes, e os cartazes das Jornadas, se quisermos, a partir da primeira jornada com temática, explicitamente evocavam essa pluralidade. A literatura, em Passo Fundo, e a leitura eram elementos que transitavam pela cultura, em suas variadas tendências, e pelas inovações técnicas e estéticas, em suas variadas propostas.

### 1. Jornada para se “ver”: os cartazes e a multiplicidade das artes

A primeira jornada com temática ocorreu em 1999. Antes os tópicos eram diversificados em diversas mesas. A 8ª Jornada Nacional de Literatura, na primeira vez centrada em um tema, tratava da “Censura e exclusão”. Esse tema, claramente associado às referências políticas que mesmo mobilizaram a ideia da Jornada, no início dos anos 80, aqui ganhava uma associação entre a literatura e as demais manifestações artísticas, todas alvo da repressão no anos de ditadura.

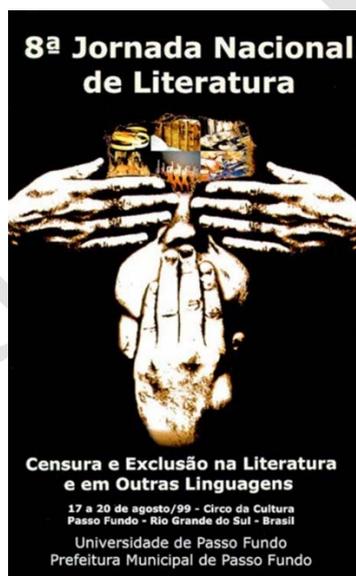


Figura 1. Cartaz da 8ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, 1999.  
Fonte: Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

No caminho, pretendia-se não separar a literatura das demais manifestações artísticas e das comunicações. No cartaz, sobre um rosto vendado e calado pelas mãos, contrastavam com o fundo negro a dança, a ilustração, os livros e também, a um canto, o superior direito, as tecnologias. Os olhos impedidos de ver, a boca impedida de falar, nada disso não impossibilitava existirem formas de expressão capazes de resistir aos tempos mais sombrios,

porque iluminadas e diversas. E dentre essas formas de expressão, as tecnologias de informação e de comunicação conectavam-se à inclusão e à diversidade cultural, contribuindo para a formação de leitores, em um juízo mais amplo do que aquilo que a tradição prezava como exclusivo objeto de leitura, o livro impresso. Assim, se no final dos anos 1990 a tecnologia aparecia como uma linhagem, disposta em um código articulado às artes, em 2001, durante a 9ª Jornada Nacional de Literatura, a temática versava sobre a galáxia de Gutenberg, invadida por dois impactantes elementos: um novo sujeito, um leitor que crescia em uma nova circunstância social, cultural e informacional, e um novo suporte de leitura, o *e-book*, ainda em seus primeiros passos, no que ainda se prometia como consolidado uma década depois, nos *e-readers* e, principalmente, nos celulares, *tablets*, *iPads* de outros *gadgets*. A palavra “jornada”, neste ano, combinada à imagem, clara citação ao cartaz do filme *2010: o ano em que faremos contato*<sup>1</sup>, de Peter Hyams, produzido em 1984 e baseado na obra homônima de Arthur C. Clarke, remetia ao que se prometia no futuro, um novo sujeito, que surgia, mediante um novo contexto, e que já podia ser antevisto. A capa do livro nas mãos do novo sujeito unia, via satélite, o passado e o futuro.



Figura 2. Cartaz da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, 2001.  
Fonte: Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

<sup>1</sup> Título original: *2010: The Year We Make Contact*.

A Jornada de 2003 trazia também um sujeito como centro do cartaz, um garoto indígena que respondia ao *clic* de uma fotografia com uma máquina imaginária nas mãos. O rosto sorridente, que também olhava, ao invés de apenas ser visto, que fantasiava devolver uma foto, que sorria amistosamente, com alguma provocação no olhar, representava as vozes do terceiro milênio, tema dessa edição da Jornada, estando a palavra “inclusão” assinalada com elementos alusivos à tecnologia. O caminho, assim, procurava não separar as artes das inovações nas comunicações, da mesma forma como visava integrar ativamente a todos no universo de informações. Nesse sentido, o mundo globalizado trazia novas referências além das novidades tecnológicas, provocando a Jornada a discutir temas que conectassem as inovações técnicas à inclusão e à diversidade cultural.



Figura 3. Cartaz da 10ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, 2003.

Fonte: Jornada Nacional de Literatura.

As Jornadas de 2005 e de 2007 trabalharam com a diversidade, seja cultural, identitária, seja no âmbito das artes. A amplitude do conceito de leitura orientava à pluralidade de manifestações em ambas edições. O contato entre diferentes tons e cores no cartaz da 11ª Jornada, em um movimento em uma solução líquida transparente, apontava para as transformações de cada novo composto. No ano de 2007, no cartaz produzido pelo ilustrador Rui de Oliveira, desenhava-se na imagem de um bufão um mosaico de simbologias vinculadas

às variadas manifestações artísticas, como se nada mais pudesse existir alheio à alteridade. As culturas se identificavam na natureza de uma constante troca, as artes comunicava-se de forma a se fazer música na paleta de cores.



Figura 4. 11ª Jornada Nacional de Literatura, 2005.

Fonte: Jornada Nacional de Literatura.



Figura 5. 12ª Jornada Nacional de Literatura, 2007.

Fonte: Jornada Nacional de Literatura.

Outras Jornadas, mais recentemente, trataram da tecnologia e das mídias em relação à leitura. Em 2009, a temática foi *Arte e tecnologia: novas interfaces*. O jogo entre livro e robótica, no cartaz, aludia às mútuas transformações dos meios, em um *transformer* particular. Em 2011, com a temática “Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias”, a palavra “nós” aludia tanto a conexão da informática globalizada quanto ao indicativo de toda uma comunidade, referida pelo pronome pessoal plural “nós”, voltada à formação dos leitores nos 30 anos de história das Jornadas de Literatura de Passo Fundo.



Figura 6. 13ª Jornada Nacional de Literatura, 2009.

Fonte: Jornada Nacional de Literatura.



Figura 7. 14ª Jornada Nacional de Literatura, 2011.

Fonte: Jornada Nacional de Literatura.

Por fim, no ano de 2013, quando a diversidade, as tecnologias e a inclusão tornaram-se elementos integrantes do processo da Jornada, elegeu-se o jovem como centro da temática. Nenhum sujeito poderia representar melhor a centralidade dos usuários da rede em meio a vários pontos, às várias mídias e aos vários “outros” interligados. Atuantes nas tecnologias, criadores de perfis, muitos deles agenciadores de tarefas em rede, jogadores de games, os jovens formavam um novo tipo de sujeito, igualmente ativo e contestador, como o jovem das gerações anteriores, mas, agora, incorporado ao mundo digital. Mesmo que em realidades heterogêneas associadas a variáveis sociais e culturais, esse sujeito parecia e parece identificar-se quanto ao interesse pelos novos processos de comunicação, com a manipulação da informação excessiva e cambiante das telas, e pela atração por conhecimentos não institucionalizados pela escola e pela universidade. Fortemente envolvido pelo mercado, pelas modas, pelas tendências, pelas discussões políticas sem apelo programático ou partidário, pelas preocupações associadas à questão ambiental, esse jovem estendido até os muitos anos depois da escola, até os bancos universitários da pós-graduação, esse jovem também pode ser o trabalhador que estuda em curso noturno, ou que, mesmo não estudando, nem por isso está definitivamente colocado nas dinâmicas que movimentam o mundo do trabalho. Esse jovem foi o sujeito que mobilizou muitas discussões, aparecendo na arte do cartaz como o sujeito que todos queremos, o que lê livros e telas.

Assim, se o cartaz de 2001 aludia a um sujeito que estava em gestação, pronto a nascer, a Jornada de 2013 apontava a um sujeito que já estava em contato com a realidade das coisas. Emoldurado em telas, com computador, tablet, celular, em um cenário de abundância de recursos, o cartaz de 2013 ainda se contrapunha ao sombrio cartaz de 1999, pelo colorido e pela perspectiva aberta da imagem, exibindo jovens e livros. A multiplicidade não é esquecida, aparecendo na barra de tarefas de uma das telas, aos pés do casal representado.



Figura 8. Cartaz da 15ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, 2013.  
Fonte: Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

A imagem desses jovens, leitores em movimentos, que não corresponde à do leitor silencioso e estático da visão tradicional, apresenta um sujeito que, potencialmente, assume os próprios direcionamentos, em harmonia com os processos atuais. Os jovens, de alguma forma, apesar de todas as divergências que devem ser superadas, principalmente no que se refere às disparidades sociais, virtualmente se encontram em uma posição que lhes faculta romper papeis, desestabilizar sistemas e hierarquias, informando-se e formando-se a partir do que está no exterior e no paralelo da escola, munidos da própria experiência revigorada pela multiplicidade de canais e de referências. Nesse mundo de ruptura, os jovens também podem valer-se da literatura, embora tudo que as telas e as imagens possam oferecer, escolhendo a palavra como forma preferencial de expressão. Os jovens, na literatura de hoje, saem da posição

de leitores e passam a produzir textos. Como usuários de computadores e outros equipamentos digitais, produzem textos numa dimensão de coautores.

## **2. Jovens para se ler: os novos escritores e a Jornada de Literatura**

As Jornadas de Literatura de Passo Fundo, em seu histórico, tanto permitiu o encontro do público com autores consagrados, quanto com escritores em consolidação no sistema literário brasileiro. Se figuras como Antonio Callado, Fernando Sabino, Mario Quintana, J. J. Veiga, João Ubaldo Ribeiro, Luis Fernando Verissimo, Ignácio de Loyola Brandão, Moacyr Scliar e Adélia Prado, entre outros tantos, representavam o que de mais valorizado havia na produção literária brasileira contemporânea, escritores que, posteriormente, se tornaram figuras reconhecidas no cenário nacional, compareceram a Passo Fundo, em um momento ascensional de suas carreiras. Caio Fernando Abreu, em 1985, Bernardo Carvalho, em 1995, José Roberto Torero, em 1999, Marcelino Freire, em 2003 e André Sant'Ana, em 2009, são exemplos dessa categoria. Outro ponto importante é o fato de a Jornada promover, desde 1988, em parceria com o Instituto Estadual do Livro do RS, um prêmio destinado a autores em formação. O Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães premiou, em 13 edições, escritores como Altair Martins, Amílcar Bettega, Marcelo Canellas, Monique Revillion, de certa forma abrindo espaço a uma nova produção literária.

Nesse sentido, a Jornada assumia-se dialogando, desde anos anteriores, com referências renovadas da ficção brasileira, sempre realocadas em circunstâncias próprias. Mesmo sem considerar algumas denominações, supostamente redutoras, “em breves fatias do tempo”, parece claro que as gerações mais recentes de escritores têm “muitas peles”, no que resiste mesmo ao reconhecimento de algum padrão, já que surge, há algum tempo, da “maçaroca líquida da web” (OLIVEIRA, 2011). Há, possivelmente, nisso uma decorrência cultural e política. Essa diversidade, essa ausência de modelos, é, ao que se pode deduzir, a decorrência possível da recente abertura à redemocratização<sup>2</sup>. A univocidade anterior passou a fracionar-se em mais de uma tendência, em uma literatura livre da obrigação de levantar bandeiras, mediante

---

<sup>2</sup> Os anos 1990 deixaram claro que não havia modelos a seguir e que isso não era exatamente um problema. Ao contrário do que ocorria no início dos anos 1980, quando os autores não sabiam ainda o que fazer com a promessa de liberdade que surgia com o fim do regime militar, nos anos 1990 a questão já não cabe e a ideia é cada qual montar seu próprio percurso, sem culpa (CARNEIRO, 2005, p 30).

o abandono gradativo da rigidez ideológica, “deslocada agora para os diversos agenciamentos possíveis de formas de poder” (CARNEIRO, 2005, p. 30). A literatura que segue aos anos 1990, parece ampliar e expandir os jogos de citação, a relação entre o literário e as mídias, o cruzamento da literatura com outras linguagens, em uma “festa de intrusos” (MORICONI, 2000) cuja pluralidade, na atualidade, permite também o ingresso de escritores jovens, com menos de 40 anos, associados a temáticas e estéticas distintas. E mais: a diversidade de escritores, em uma pluralidade não necessariamente conflitiva, encontrou na diversidade de preferências uma recepção jovem também heterogênea. A literatura de fantasia, as sagas, as narrativas envolvendo personagens de *games*, as narrativas de dramas pessoais e sentimentais protagonizados por adolescentes e jovens adultos, tudo isso parece ter conquistado um lugar de destaque dentre toda uma órbita de bens culturais de consumo apresentado aos jovens. O monitor oferece “mangás, animês, filmes e games 3D, vampiros e *hobbits*, bandas *ciberpunk* e agentes da Matrix” (OLIVEIRA, 2011, p. 16), a vida apresenta todo tido de subuniverso descontínuo, fracionado ainda em diversos grupos ou subgrupos, cujos integrantes desconhecem a fidelidade a vetores dominantes, em subconstelações dinâmicas de autores e de obras.

No que se refere ao jovens escritores, ingressantes no sistema literário da atualidade, determinadas circunstâncias provocaram uma visível cisão entre dois grupos. Há, por um lado, a chamada literatura sub-40, formada por escritores jovens com algum reconhecimento pela crítica; no que passou a ser chamado de subzero, percebe-se, por outro lado, um grupo constituído por autores sem reconhecimento maior das instâncias acadêmicas, mas supostamente admirados pelos leitores. Interessa aqui que essa cisão jamais envolveu as dinâmicas das Jornadas, como será mostrado. Se a multiplicidade foi um termo traduzido em diversas formas e tons nas imagens dos cartazes da Jornada, as diferentes referências não poderiam deixar de estar presentes em Passo Fundo quando em contato com a nova produção literária.

### 3. A geração sub40: um excluído e um escolhido

Integrando um seletorol de 20 escolhidos, nascidos a partir de 1972, dentre aproximadamente 250 inscritos, a geração sub40 consagrou-se em uma antologia de 2012, na Revista *Granta*, pelo selo Alfaguara. A literatura desse grupo, contudo, assume-se em uma perspectiva de certa forma intrigante. Com o computador e com internet, e sem pobres, sem

desajustados e sem regionalismos, a escrita desse grupo acontece por parte de sujeitos, em grande parte, com “sólida vivência do exterior, na condição de estudantes ou por laços familiares” (FISCHER, 2012), no que talvez se caracterize pela despreocupação com as questões políticas e sociais em meio a uma nação que “segue chafurdada em mazelas, como por exemplo a corrupção sistêmica” e as enormes desigualdades sociais já quase invisíveis de tão antigas.” (FISCHER, 2012).

Polêmica à parte quanto às questões sociais, a antologia de “enredos autorreferentes” (FISCHER, 2012) muito centrados nas experiências, viagens, estudos e leituras dos autores, em uma nova controvérsia, comum a antologias, prescindiu de alguns nomes relacionados em outras antologias. É o caso de Santiago Nazarian, presente tanto na antologia *Geração zero zero*, de Nelson de Oliveira, quanto, em Passo Fundo, na Jornadinha de 2007, pelo lançamento de *Mastigando humanos*, no ano anterior. *Outsider* literário, nascido em São Paulo em 1977, dono de uma escrita ao mesmo tempo irônica e melancólica, Nazarian produz uma narrativa desafiadora, contaminando a tradição literária com o mundo pop, com cenas de filmes e desenhos animados, ao construir, personagens situados em ambiente claustrofóbicos, como em pelo menos dois romances, *Feriado de mim mesmo*, de 2005, e *Biofobia*, de 2014. Na obra, *Biofobia*, o protagonista, André, é um cantor de rock decadente que se encontra na casa de campo deixada pela mãe suicida, uma escritora de razoável sucesso. A casa é um ambiente invadido pela natureza, e por suas impurezas, e saqueada por parentes em busca dos pertencentes da antiga proprietária. Resta a André, sozinho ou na companhia eventual de um amigo e de sua namorada, usar drogas, beber os restos do estoque da mãe e combater o frio queimando os livros da biblioteca. Dentre os livros queimados está *Feriado de mim mesmo*, de Nazarian e, em um ataque frontal aos coletivos literários, um exemplar da *Granta: os jovens autores brasileiros*:

E eles foram queimando best sellers, primeiras obras, livros obscuros. O amigo lia em voz alta os títulos: “*Pássaros feridos*. Isso não era o nome de uma séria brega no SBT?” Fogo. “*Faz escuro mais eu canto*. Título bacana.” Fogo. “As vinhas da ira.” Fogo. “*Granta: Os melhores jovens autores brasileiros...*”

“Peraí, deixa eu ver esse”, disse André. Pegou o volume e verificou os autores: Daniel Galera, Michel Laub, Emilio Fraia, Thomas Schmidt... Nunca tinha ouvir falar. Fogo (NAZARIAN, 2014, p. 139).

O protagonista da obra Nazarian, que queima o livro de seu criador e a antologia de seus contemporâneos, contudo, não se reconhece como representação autobiográfica do autor. Nas

páginas finais do livro, o autor de *Biofobia* declara a distinção entre a vida de seu personagem e a sua, bem como as supostas diferenças quanto ao julgamento vinculados à arte:

Apesar de essa novela ter raízes profundas na minha família, é totalmente uma obra de ficção. Meus pais estão vivos, tenho quatro irmãos e nunca fui fumante. A base mais biográfica é de fato a casa, a sessenta quilômetros de São Paulo, no meio do mato, onde minha mãe mora (e sim, a casa é elevada e ela alega nem saber o que há embaixo. [...]) De toda a forma, ela está longe de ser a mulher ausente (e morta) dessa história.

A opinião sobre artistas, músicos e autores citados nesse livro – alguns dos quais são amigos próximos – é do protagonista, não é a minha. Não se ofendam, afinal, ele é um loser (NAZARIAN, 2014, p. 237).

Nazarian, como Resende declara, ‘fez o diabo por aí afora, conhecendo as cidades do mundo com seus submundos’ (2008, p 113). Seus personagens também. Há, contudo, possíveis pontos de aproximação entre a obra do autor de *Biofobia* e os pertencentes ao grupo Granta, como Daniel Galera, o primeiro citado dentre os autores cujos textos iam ao fogo em *Biofobia*. Galera, nascido em São Paulo, viveu grande parte da vida em Porto Alegre. O autor – convidado às Conversas Paralelas da Jornada de 2007 –, no romance *Barba ensopada de sangue*, de 2012, apresenta um professor de educação física que, após o suicídio do pai, procura em Garopaba, um pequeno balneário de Santa Catarina, no Sul do Brasil, em período de baixa temporada, informações sobre seu avô. Supostamente ali, em uma comunidade de pescadores, ele fora assassinado, em uma espécie de conluio, no final dos anos 60. O espaço em que teria morrera o homem era uma Garopada afastada, muito pequena ainda, em que eram necessárias “oito horas de viagem pela BR 101 contra o vento”, com mais vinte quilômetros de estrada de terra” em meio “a morro e mato” (GALERA, 2012, p.12). Como em *Biofobia*, o enredo de *Barba ensopada de sangue* traz o suicídio como motivo desencadeador e o isolamento do protagonista como elemento no qual será centrada toda a intriga. O isolamento do protagonista de Galera não está na clausura de uma casa, mas na disposição de uma missão de busca, em uma cidade que, embora maior do que a antiga vila, anos depois, não é sua. A cidade é, na realidade, um lugar cujo passado perturbadoramente perdura em segredo presente e torna o protagonista um estrangeiro em qualquer parte.

A investigação ainda se desconstrói no que poderia ser simplesmente uma história policial. O herói tem um problema neurológico decorrente de um anóxia perinatal, que o impossibilita justamente de reconhecer o rosto das pessoas, apenas distinguindo-as “por suas

atitudes, problemas, histórias, trajés, gestos, vozes” (GALERA, 2012, 135). Por ter sido privado de ar no nascimento, saído sufocado do corpo da mãe, é um detetive com problemas de leitura, sempre próximo da dúvida, um sujeito que não raramente transita ao acaso, vagando sem rota certa e sem projeto, em busca de uma chave ou de um acaso que o conduza à solução do mistério em torno do avô.

Em *Biofobia*, trata-se de saber o que há na casa, embaixo dela, no seu entorno, na natureza hostil que cerca e isola o protagonista. Em *Barba ensopada de sangue*, o mistério é saber o que há por baixo da história, o que há no silêncio em torno de um desaparecimento do avô do protagonista, o qual, em sua investigação, ao fim da narrativa, é também colocado contra a natureza, em uma trilha solitária em busca da verdade pelas matas de um local que deixa de ser paradisíaco e turístico, para se tornar inóspito e perigoso. Em tudo, o enigma de se descobrir o que há por trás, o que foi escondido, o que pode haver na *deep web* das conexões humanas, ou na falta delas.

A outra face da produção literária dos jovens autores do Brasil faz do entretenimento a base de sua ficção e talvez construa, por aí, a razão de ser apreciada por multidões de leitores. Sem reconhecimento da crítica, ignorados pelos estudos acadêmicos, os autores da geração Subzero tiveram a oportunidades de encontrar seus leitores na Capital Nacional da Literatura.

#### **4. A geração Subzero: os excluídos da crítica**

Em 2012, foi publicado um livro organizado por Felipe Pena: *Geração subzero: 20 autores congelados pela crítica*, mas adorados pelos leitores. Essa obra tem, na introdução, uma deliberada provocação:

Boa parte da literatura brasileira contemporânea presta um desserviço à leitura. Os autores não estão preocupados com os leitores, mas apenas com a satisfação da vaidade intelectual. Escrevem para si mesmos e para um ínfimo público letrado e pretensamente erudito, baseando as narrativas em jogos de linguagem que têm como objetivo demonstrar uma suposta genialidade pessoal. Acreditam que são a reencarnação de James Joyce e fazem parte de uma estirpe iluminada. Por isso, consideram um desrespeito ao próprio currículo elaborar enredos ágeis, escritos com simplicidade e fluência. E depois reclamam que não são lidos. Não são lidos porque são chatos, herméticos e bestas. (PENA, 2012, p. 9)

Na visão de Felipe Pena, fica clara, em sua afirmação, a luta por uma estética ou por uma pluralidade estética não excludente. Advogando pelo entretenimento como sedução, e não

mero passatempo, Pena pretende a valorização de autores lidos por prazer e não por imposição acadêmica, em uma verdadeira “dissidência” contra “pensamento dominante ainda muito forte na comunidade literária” (2012, p. 13). Para tanto, declara basear-se nas preferências dos próprios leitores, citando entre outras fontes, as redes sociais digitais, que permitiram ver os “subterrâneos” da leitura por prazer, à revelia da escola e da universidade. Fora dos currículos e dos centros universitários, essa outra subconstelação de autores estaria envolvido com a fantasia, o fantástico, o sobrenatural do mundo dos vampiros e dos anjos, as tramas policiais, em enredos fortes e abertamente marcados pela influência das mídias da indústria cultural, dos quadrinhos e dos *games*. Dessa literatura, no que parece caracterizar-se como um tipo de leitura que cativa principalmente os adolescentes e os jovens leitores, dois nomes podem ser citados: André Viaco e Raphael Montes.

Vianco, presente na Jornada de 2013, nasceu em 1975, em São Paulo, e é autor obras que incluem as séries *Vampiro-Rei* e *O turno da noite*. Começou a escrever profissionalmente para o rádio, ingressando nos anos seguintes no teatro, na TV e no cinema, na direção de curtas-metragens. Dentre seus livros, *O Caso Laura* promete ao leitor, à primeira vista, uma narrativa policial, embora revele mais do que uma intriga de crime, investigação e revelação do criminoso. Marcel, investigador particular decadente, é contatado por um estranho homem para vigiar Laura, envolvida com Miguel, um amigo suspeito. Laura é uma restauradora de arte que acompanha dolorosamente o declínio físico e mental do pai e traz consigo um passado de grandes sofrimentos, relacionados à perda do filho. O caminho da investigação levará Marcel a descobrir um grupo de pessoas identificadas pelo símbolo do infinito e encarregadas de uma missão surpreendente. Nesse percurso, em *O caso Laura*, personagem e leitor estão juntos no que desconhecem e a resolução dos enigmas colocará personagens e leitor em novas posições: Marcel integrará, ao final, um universo limítrofe descoberto, em que real e o sobrenatural coexistem; quanto ao leitor, será reposicionado em sua recepção ao ver um texto policial converter-se a outro tipo de narrativa, firmada na fantasia.

Raphael Montes, nascido em 1990, participou de um desdobramento da Jornada, em setembro de 2014, o já referido projeto Livro do Mês, com a obra *Dias Perfeitos*. No livro, um solitário estudante de medicina vive a obsessão do amor por Clarice, levando seus sentimentos às últimas e mais estranhas consequências. Colocando-a como refém em espaços afastados, carregando-a em uma mala e cometendo outros crimes para manter seu segredo, ao autor agrega certas doses de suspense psicológico, ao limitar a narrativa à perspectiva de Téó, protagonista

sequestrador. Em uma espécie de romance policial subvertido, centrado na figura do sujeito sob investigação, que de todas as formas planeja não ser descoberto, Montes constrói um criminoso angustiado pelo pouco controle que tem sobre os fatos e, principalmente, sobre os pensamentos, sentimentos e intenções da refém. Autor não incluído na antologia *Geração Subzero*, diferentemente de André Vianco, o autor de *Dias Perfeitos* figura entre os autores mais lidos e solicitados na contemporaneidade, apesar da idade e da obra ainda restrita a dois romances.

A divisão em duas constelações de jovens escritores, entre os respeitados pela crítica e os amados pelo público, não percebeu uma terceira via de produção literária, fortemente preocupada com as questões políticas e sociais. Como mostra a história da Jornada, na referência de formar diferentes leitores em uma abordagem inclusiva, a multiplicidade de manifestações culturais recebia também a dicção de resistência e de denúncia advinda de pontos distantes dos centros de poder. A Jornada de Literatura não poderia deixar de se envolver com a literatura marginal, trazendo a Passo Fundo um de seus expoentes: Ferréz.

## 5. A literatura do excluídos

Beatriz Resende considera a literatura da periferia como uma das tendências recentes da literatura brasileira, uma “escritura realista das grandes cidades contemporâneas, especialmente narrativas da violência e da desigualdade” (2013, p. 65). Para a pesquisadora, Ferréz, também autor de *raps*, se evidencia pela crueza da forma como denunciam o real. Em termos estéticos, para Flávio Carneiro, o estilo do relato de Ferréz incorpora o *rap*, “através do encadeamento das frases, em períodos longos, num estilo que usa oralidade na dose certa” (CARNEIRO, 2005, p. 216). Tema e estilo, contudo, são elementos que se unem quando o escritor deixa de ser porta-voz dos excluídos, como de histórico no Brasil, a partir do Romantismo, e começa a fazer parte dos sem-voz. Em termos políticos, a literatura quase se torna menos ficcional, quando o autor prescinde da postura de porta-voz dos oprimidos e passa a narrar, vendo “por dentro o próprio inferno” (CARNEIRO, 2005, p. 218). A frase que abre a *graphic novel Desterro*, feita em co-autoria com Alexandre De Maio, parece resumir o que se apresenta na ficção, quase testemunho, de Ferréz: “Se a primeira impressão é a que fica, melhor nunca olhar para uma periferia” (2012). Em *Ninguém é inocente em São Paulo*, cada conto desnuda a realidade com a dicção de quem acusa, no próprio título de um livro. Isso contribui mesmo para que a oralidade e as marcas indenitárias da linguagem da favela não sejam desvios da norma por força de

alguma licença poética, mas passem a integrar a fala real, verdadeira, de quem escreve. Nessa condição, as convenções e as correções linguísticas são violadas mesmo em um *post* de *blog*:

A Jornada de Passo Fundo foi um marco para a literatura nacional, não é atoa que a cidade foi eleita e reconhecida como a Capital Nacional da literatura no Brasil, recomendo a todos que daqui a 2 anos, vão ver de perto o que é um verdadeiro evento literário, onde é feito um trabalho de muitos meses sobre os autores nas escolas, bem diferente da Bienal de São Paulo e suas convidadas Xuxas da vida, onde o mais importante é ter milhares de crianças andando pra cima e pra baixo atrás de algum global famoso, roubando a brisa dos escritores que tanto lutam por algum espaço para simplesmente contar uma história. (<http://ferrez.blogspot.com.br/2007/09/termina-jornada.html>)

Assim, na intenção de dialogar com o contemporâneo, diversificado, heterogêneo, ora conclusivo, ora reduplicado a dimensões mágicas, ora envolvido com angústia e o isolamento que orientam as nossas vidas, ora envolvidos com a fantasia que de alguma forma nos retira das dores do cotidiano, ora ainda inserida nessas dores, pela consciência de que vivemos em um país que segrega e exclui, a Jornada assume o que há de contextual e de atual, como movimentação cultural que procura vivenciar quantas linguagens e códigos houver.

## 6. Considerações finais

A continuidade das Jornadas Literárias propiciou a diferentes públicos o contato com autores consagrados; leitores em formação puderam apreciar escritores cuja obra se ampliava e se tornava mais complexa e mais original, da mesma forma como foram estimulados a leitura de textos que representavam vozes de distintos espaços da sociedade.

Assim, o trabalho das Jornadas, envolvido na ampliação dos círculos, dos conceitos de produção artística e literária, está diretamente vinculado à ampliação do universo de leitores. Sem eles não há as literaturas, não há as artes. São os leitores, multiplicados e envolvidos pela diversidade de suas circunstâncias sociais e culturais, combinadas à diversidade de mídias e de linguagens, os nós da rede. A multiplicidade de mídias que a Jornada passou a valorizar como elementos essenciais na formação de leitores, repercutiu no empenho de dialogar com a multiplicidade de tendências que surgiam à medida em que as dinâmicas sócio-política energizavam variadas forças estéticas. Este artigo pretendeu mostrar, nos cartazes das Jornadas a partir de 1999, como visualmente havia, nas imagens, um tipo de semântica que apontava para formas inovadoras de ver a literatura, associada às demais artes e linguagens; em uma

segunda parte, mostrando a leitura de algumas obras, em específico da novíssima produção literária contemporânea, observou-se o quanto a palavra artística dialoga com os demais signos da contemporaneidade, do pop ao rap, dos quadrinhos ao policial. Em um novo universo de leitura associado à diversidade e ao múltiplo, em mídias, dispositivos e tendências variadas e intercambiantes, a literatura justifica-se no lugar que ainda ocupa entre sujeitos que estão, leitores e autores, todos eles, em contínua formação.

## Referências

- FERRÉZ. **Ninguém é inocente em São Paulo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 91 p.
- FERRÉZ; DE MAIO, A. **Desterro**. São Paulo: Anadarco, 2012. 176 p.
- FISCHER, L. A. Letras em números - O que as estatísticas dizem sobre a "Granta". **Folha de São Paulo/Ilustríssima**, São Paulo, 02 de setembro 2012. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/64023-letras-em-numeros.shtmlde>. Acesso em 02 de setembro 2012.
- GALERA, D. **Barba ensopada de sangue**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 239 p.
- MONTES, R. **Dias perfeitos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 274 p.
- MORICONI, I. (Org.) **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 622 p.
- NAZARIAN, S. **Biofobia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 240 p.
- OLIVEIRA, N. (Org.); **Geração Zero Zero: Fricções em Rede**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011. 405 p.
- PENA, F. **Geração subzero: 20 autores congelados pela crítica, mas adorados pelos leitores**. Rio de Janeiro: Record, 2012. 322 p.
- RESENDE, B. **Contemporâneos, expressões da literatura brasileira do século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. 175 p.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre a literatura brasileira contemporânea: o local, o global e o nacional. In: RETTENMAEIR, M.; ROSING, T. (Org.). **Questões de ficção contemporânea**. Passo Fundo: UPF Editora, 2013. 262 p.
- SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2008. 70 p.
- VIANCO, A. **O caso Laura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 272 p.

Artigo recebido em: 28.02.2015

Artigo aceito em: 05.06.2015

Letras & Letras